

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Luisa Kissmann Silveira

ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DE ENSAIOS
FOTOGRAFÍCOS SENSUAIS NA AUTOESTIMA
FEMININA

Passo Fundo

2018

Luisa Kissmann Silveira

ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DE ENSAIOS
FOTOGRAFÍCOS SENSUAIS NA AUTOESTIMA
FEMININA

Trabalho de conclusão de curso da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, sob a orientação da Me. Bruna de Oliveira Bortolini

Passo Fundo

2018

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia a todos aqueles que assim como eu, buscam compreender e admirar cada vez mais o universo da mulher e da fotografia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais por aceitarem e acreditarem nas minhas escolhas e se fazerem presentes em minha caminhada. Meu agradecimento, em especial, eu dedico para minhas avós, por toda dedicação e amor que recebi. Agradeço pelas oportunidades que tive, os caminhos que tracei e as amizades que fiz, principalmente aquelas que construí na graduação e que me serviram de alicerce. Por último, porém, não menos importante, eu agradeço à minha orientadora, Bruna, que desde o início sempre esteve presente, cumprindo com total dedicação a missão de me orientar, apoiar e dividir comigo, seus vastos conhecimentos.

EPÍGRAFE

Amar a si mesmo é o começo de um romance para toda a vida – Oscar Wilde

RESUMO

O intuito do presente trabalho é analisar os motivos pelos quais, hoje, de forma crescente, mulheres consideradas "fora do padrão" de beleza e feminilidade veiculado pela mídia, buscam realizar ensaios fotográficos sensuais e, se estes ensaios, além de possuírem alguma relação crítica com a questão da representatividade do corpo feminino pelas mídias convencionais, possuem algum papel ativo no aumento da autoestima feminina. A análise será realizada através de entrevistas semiestruturadas, com mulheres que já tenham sido fotografadas anteriormente em ensaios sensuais, no estado do Rio Grande do Sul, em específico nas cidades de Carazinho e Passo Fundo.

Palavras-chave: Fotografia/Ensaio fotográfico sensuais; Autoestima; Imagem da mulher.

ABSTRACT

The purpose of the present project is to analyze the reasons why today, increasingly, women considered to be "out of the norm" of beauty and femininity published by the media, seek to make sensual photographic essays and, if these essays, besides having some critical relation with the question of the representation of the female body by conventional media, play an active role in increasing female self-esteem. The analysis will be performed through semi-structured interviews with women who have been previously photographed in sensual tests in the state of Rio Grande do Sul, specifically in the cities of Carazinho and Passo Fundo.

Keywords: Photography / Sensual photographic essays; Self esteem; Image of woman.

SUMÁRIO

RESUMO.....	06
1 INTRODUÇÃO.....	10
2 ENTENDENDO O CONTEXTO.....	10
2.1 METODOLOGIA.....	11
2.2 FOTOGRAFIA.....	11
2.3 IMAGEM DA MULHER.....	14
2.3.1 A IMAGEM DA MULHER E A FOTOGRAFIA SENSUAL OU O NU.....	19
2.4 AUTOESTIMA.....	22
3 INTERPRETAÇÃO DAS FALAS	24
4 ANÁLISE DE DADOS.....	35
5 CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

A autoestima tem um grande peso na qualidade de vida de qualquer pessoa, pois trata da percepção e do sentimento que cada um desenvolve sobre si. Uma baixa autoestima ou a falta de confiança em si mesmo, pode trazer uma série de sentimentos negativos a respeito do próprio eu, como insegurança, incertezas, medo de errar e sentimento de incapacidade. Esses fatores são frequentemente geradores de culpa, frustração, vergonha, inveja, entre tantos outros.

As mulheres são geralmente as pessoas mais afetadas pela autoestima baixa. Conforme dados de uma pesquisa realizada no Brasil em 2012, pela Internacional Stress Management Association (ISMA), associação voltada à pesquisa e ao desenvolvimento da prevenção e do tratamento do stress, 73% dos homens disseram que sua autoestima estava em alta, contra 56% das entrevistadas. O objetivo deste trabalho é, portanto, investigar se o ensaio fotográfico sensual, em específico de mulheres consideradas “fora do padrão”, cada vez mais frequente entre mulheres, possui influência significativa na recuperação da autoestima das mesmas. Em revistas, redes sociais e na televisão, a mídia vende uma imagem de mulher que, em sua maioria, não condiz com a realidade, fazendo com que “mulheres comuns” não se sintam representadas, logo, não se aceitam do modo como são, aspecto que acaba refletindo em uma baixa autoestima.

A publicidade, é o espelho da sociedade e é através dela que que padrões são criados e muitas vezes até mesmo estilos de vida. Nesta monografia ela será mencionada com o intuito de ser questionada, a fim de gerar reflexão. Se seu papel social está sendo cumprido de forma correta.

Deste modo, a hipótese deste trabalho é de que muitas mulheres buscam os ensaios fotográficos sensuais como forma de elevar sua autoestima e obter uma percepção diferenciada sobre seus próprios corpos tidos como “fora do padrão” de feminilidade habitualmente veiculado. A fotografia, segundo Aumont (1995, p. 81) tem como função reforçar e reafirmar nossa relação com o mundo visual. Destina-se a agradar quem a observa, lhe oferecendo sensações. A fotografia sensual, em específico, tem o enfoque sobre o corpo e visa destacar através da imagem aspectos atraentes do fotografado.

Para execução deste trabalho se faz necessário investigar de forma mais aprofundada os conceitos de fotografia, imagem da mulher, ensaios fotográficos sensuais e mídia. Tais conceitos partirão de uma inicial fundamentação teórica e, posteriormente, serão confrontados

com a realidade através da análise de entrevistas individuais, semi-estruturadas, apoiadas no método de análise qualitativa de estudo de caso. A pesquisa terá como público mulheres, a partir de 18 anos, residentes nos municípios de Carazinho e Passo Fundo, que já tenham realizado ensaios fotográficos sensuais. Após a coleta das informações e das entrevistas, será aplicado o método analítico-descritivo a partir de estudo de caso selecionado por critério de conveniência, realizando um comparativo de como as entrevistadas se sentiam em relação as suas imagens, antes de fazer o ensaio e após terem visto as fotografias.

Para tanto, o trabalho será dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, serão abordados os conceitos de Fotografia, Imagem da Mulher, Ensaios Fotográficos Sensuais e Autoestima uma constelação de elementos de fundamental importância para a compreensão deste trabalho e que servirá de base para a posterior leitura e análise das entrevistas.

No segundo capítulo se fará a transcrição das entrevistas, bem como a organização dos dados, isto é, separação de falas por semelhança de conteúdo, frequência unidade temática com foco no conteúdo pertinente a construção do trabalho.

No terceiro e último capítulo, será feita a análise dos dados sob a luz da fundamentação teórica. Serão realizadas aproximações entre o conteúdo da fala das entrevistadas a respeito dos ensaios sensuais por elas realizados e os conceitos expostos no primeiro capítulo. Processo que visa compreender se a prática da fotografia sensual do corpo feminino, sem a exigência da padronização midiática, pode afetar positivamente o olhar da mulher a respeito de si, visando a aceitação e valorização do seu próprio corpo e a desconstrução de uma cultura que oprime e subjuga mulheres com base em sua aparência.

2 ENTENDENDO OS CONCEITOS

2.1 METODOLOGIA

Para iniciar este trabalho, antes de qualquer abordagem conceitual a respeito do tema, explicitaremos a metodologia utilizada para a realização do trabalho, que se baseia no método qualitativo de estudo de caso. O método qualitativo de estudo de caso, segundo o Manual de Pesquisa Científica (2017) pode ser entendido por um estudo que é utilizado para a investigação das particularidades que envolvem a formação de determinados fenômenos sociais. “Para a coleta de dados no estudo de caso geralmente utilizam-se as técnicas da pesquisa qualitativa, sendo a entrevista a principal delas”(2017). Com base em dados fornecidos por pessoas, dá-se, portanto, a investigação.

Para tanto, iniciaremos o estudo com a explanação teórica dos conceitos que fundamentam o trabalho e, após, seguiremos com a transcrição e interpretação das entrevistas realizadas, as quais são fruto de respostas recebidas por meio da aplicação de questionário presencial, semiestruturado, com 15 perguntas.

Para análise dos resultados obtidos nas entrevistas, abordado ao final do trabalho, será utilizado o método descritivo. A pesquisa descritiva de acordo com o Manual de Pesquisa Científica (2017), “é aquela que analisa, observa, registra e correlaciona aspectos (variáveis) que envolvem fatos ou fenômenos, sem manipulá-los”(2017), ou seja, visa, a partir dos dados obtidos, apresentar um quadro detalhado do fenômeno/realidade em questão para facilitar a sua compreensão. A interpretação dos dados obtidos se dará de acordo com a frequência de unidades temáticas e semelhança de conteúdo.

2.2 FOTOGRAFIA

Para dar início ao desenvolvimento do estudo sobre “A influência de ensaios fotográficos sensuais na autoestima feminina”, é preciso fazer uma abordagem a respeito do próprio conceito de fotografia. Em *A pequena história da fotografia*, Walter Benjamin narra que a fotografia veio para substituir a pintura, apesar de que em seu início tratava-se de uma forma de aprimoramento daquela. Com os avanços da tecnologia após a revolução industrial a

fotografia ganhou cada vez mais espaço, principalmente por sua possibilidade de reprodução em larga escala, fato que não ocorria com a pintura, pois reproduzir obras de arte, e até mesmo documentos, antes do período da industrialização era algo difícil e demorado. No entanto, o foco principal das primeiras fotografias era o rosto humano e o contexto em que as fotografias eram feitas não eram comuns, eram sempre momentos importantes dignos de serem retratados na época, como cerimônias religiosas, por exemplo. Assim, segundo Benjamin, “o ‘fenômeno da fotografia’ lhes parecia ‘uma grande e misteriosa experiência’, mesmo que se tratasse apenas da consciência [das pessoas] de estarem diante de um ‘aparelho que podia rapidamente gerar uma imagem do mundo visível, com um aspecto tão vivo e tão verídico como a própria natureza’” (2012, p. 101). Por este aspecto misterioso da fotografia em seu início o rosto humano fotografado era envolto por um “silêncio”, uma seriedade que fazia com que o momento fosse um acontecimento único e solene. A nitidez das fotografias também era algo que causava impressão, pois diferente das pinturas a fotografia era muito mais clara e detalhada, capaz de revelar os pormenores mais ocultos da realidade. Ainda conforme Benjamin,

[...] as pessoas não ousavam a princípio, olhar por muito tempo as primeiras imagens [...] reproduzidas. Evitava-se a nitidez das pessoas, e tinha-se a impressão de que os minúsculos rostos humanos que apareciam na imagem eram eles mesmos capazes de nos ver, tão surpreendente para todos era a nitidez [...] dos primeiros [retratos] (2012, p. 103).

Em relação a essa experiência íntima e valorosa da fotografia, Susan Sontag ressalta que ela é em muitas culturas um fenômeno capaz de auxiliar na construção da identidade dos indivíduos, pois além de servir como registro para a memória ela também se configura num elemento importante para a consolidação de rituais de passagens. Nas palavras da autora

[...] a fotografia não é praticada pela maioria das pessoas como uma arte. É, sobretudo, um rito social [...]. Comemorar as conquistas de indivíduos tidos como membros da família (e também de outros grupos) é o uso popular mais antigo da fotografia. Durante pelo menos um século a foto de casamento foi uma parte da cerimônia tanto quanto as fórmulas verbais prescritas (1977, p. 9-10).

A fotografia, portanto, acompanha a vida das pessoas. Por meio das fotos as pessoas constroem uma crônica visual de si mesmas e tornam-se capazes de, conforme Sontag, “tomar posse de um espaço em que se acham inseguras” (1977, p. 11), seja ele um lugar físico, ou se quisermos ir mais adiante, tomar posse do próprio “eu” fotografado. “Tirar uma foto é ter um interesse pelas coisas como elas são, [...] é estar em cumplicidade com o que quer que torne um tema interessante e digno de se fotografar” (SONTAG, 1977, p.13).

Ao encontro disso, Moraes & Assunção (2017, p. 17) ressaltam que a fotografia possui também um papel significativo na construção de uma identidade social, tanto como objeto artístico quanto ferramenta de comunicação. A fotografia tem como responsabilidade, fazer um recorte da realidade.

[...] a fotografia constrói uma identidade social, uma identificação padronizada, que desafia, não raro, o conceito de individualidade, permitindo forjar as mais variadas tipologias. Assim, o modo como as coisas e pessoas são representadas por meio da fotografia influencia na forma como elas são socialmente vistas. É importante ressaltar, também, que essa identidade construída socialmente está em constante mudança (FABRIS 2014, p.15 apud MORAES & ASSUNÇÃO, 2017 p. 25).

As imagens são vistas através do olhar de quem as registra. Pelas lentes da câmera do fotógrafo vemos o que ele queria nos mostrar. O recorte da realidade é feito por meio da percepção de mundo daquele que retratou o momento.

Para Aumont “a imagem tem por função primeira, garantir, reforçar, reafirmar e explicitar nossa relação com o mundo visual: ela desempenha papel de *descoberta do visual*. [...] O valor simbólico de uma imagem, é mais do que qualquer outro, definido pragmaticamente pela aceitabilidade social dos símbolos representados” (1995, p. 79-81). Assim, ainda conforme o autor, “a imagem é destinada a agradar seu espectador, a oferecer-lhe sensações (*aisthesis*) específicas” (1995, p. 81).

Em relação ao nu, ou sensual nas fotografias, de acordo com Arcoverde (2013), Félix-Jacques Moulin foi um dos primeiros fotógrafos a dedicar-se ao nu nas fotografias e o primeiro a abrir uma loja sobre o tema em *Montmartre*, bairro parisiense, em 1849. Ele começou a produzir pequenos cartões postais com fotos de senhoritas jovens, em diversas poses. Esses cartões eram chamados de *Daquerreótipos*¹. Porém, em 1851 teve seu trabalho confiscado, e ficou preso por um mês por suas obras serem consideradas, pela sociedade da época, de caráter obsceno.

¹ Daguerreótipo é o nome dado ao primeiro método fotográfico prático, elaborado pelo francês Louis Daguerre, em 1839. Walter Benjamin, em seu texto *Pequena história da fotografia*, descreve o Daguerreótipo da seguinte forma: “placas de prata, iodadas e expostas na câmera obscura; elas precisavam ser manipuladas em vários sentidos, até que se pudesse reconhecer, sob uma luz favorável, uma imagem cinza-pálida. Eram peças únicas [...] guardadas em estojos como jóias” (1994, p. 93).

Com relação ao aspecto social da fotografia sensual feminina – é que mulheres que posavam para pinturas de nu na época renascentista, lá em 1800 e guaraná de rolha, eram na sua maioria, prostitutas. Afinal, a nudez não era coisa de mulheres de família. Na contemporaneidade, o nu começou a ser tratado de forma mais comum na arte, devido às revoluções culturais que aconteciam. (ARCOVERDE, 2013).

No período que os trabalhos de Moulin foram confiscados, a sensualidade e o nu eram, como o autor afirma, vistos com obscenidade. Porém, em 1960 observa-se uma mudança de pensamento na sociedade em relação a este aspecto. Tal mudança de concepção a respeito do corpo da mulher e de sua imagem se deu a partir de alguns marcos importantes como é o caso das lutas feministas pelos direitos das mulheres, bem como a famosa “revolução sexual”. Razão pela qual é importante que se dedique neste trabalho a uma abordagem mais aprofundada a respeito deste percurso, isto é, da imagem da mulher, antes de se adentrar na questão da fotografia sensual propriamente.

2.3 IMAGEM DA MULHER

Com uma abordagem zoológica, analisando a mulher na forma como ela existia em seu ambiente natural, percebemos que ela passou por drásticas mudanças no decorrer de sua evolução. Morris afirma que a “fêmea humana, perdeu muitos dos atributos femininos de outros primatas e, na forma da mulher moderna, tornou-se um ser único de uma espécie extraordinária” (2005).

Com o intuito de embelezar ainda mais a fêmea humana, as sociedades em diferentes períodos adotaram diversas maneiras para essa mudança nas mulheres. Todo o corpo feminino passou por transformações, das mais simples e agradáveis, até os mais dolorosos procedimentos. Os cabelos passaram e continuam a passar por inúmeros procedimentos. Foram alisados, cacheados, pintados, cortados e até aplicados, para parecerem maiores. As partes do corpo tornaram-se uma linguagem. Tudo passou a significar algo, como Morris exemplifica: “no intuito de criar uma aparência de pessoas de alta classe e disciplinadas, prendem os cabelos querendo dizer: ‘Sou importante, sou séria e não permito familiaridades’” (2005, p. 23).

Além disso, a opinião masculina detém grande influência sobre a imagem da mulher. Foi através dessa “opinião”, que praticamente todas as partes visíveis do corpo foram

sexualizadas, dando a entender que a mulher está disponível para o homem. Os cabelos, por exemplo, em algumas culturas devem ser tapados, pois representam potencial erótico. No passado, as mulheres deviam usar chapéus em igrejas católicas e em celebrações religiosas. Assim como freiras de determinadas ordens religiosas que até hoje escondem seus cabelos. Prendê-los faz com que a mulher fique menos “feminina” e acabe por não passar a impressão de liberdade. Fios fora do lugar podem ser despenteados e acariciados. Já cabelos colados à cabeça dão a ideia de que a mulher é intocável e inacessível, segundo Morris (2005, p. 23).

Cabelos curtos são sinal de afronta, pois foram um marco do movimento feminista, onde esse corte simbolizava o apelo ao respeito nos ambientes de trabalho e sinalizavam igualdade. Entretanto, de acordo com Morris (2005, p. 24), cabelos curtos tendem a fazer com que boa parte dos homens se sintam ameaçados e frustrados no desejo de acariciar suaves madeixas flutuantes.

Isso nos transmite a ideia de que durante muito tempo a mulher foi sombra de algum homem, seja ele seu pai, irmão ou marido. Quem sustentava a família, ditava as regras, tinha autoridade máxima dentro de casa e quem tinha suas vontades todas realizadas, era o homem. Com o passar dos anos, o movimento feminista foi criando forma e grandes mudanças referentes às mulheres, seus direitos e modos de vida foram acontecendo. A revolução feminista foi se intensificando, as mulheres foram repensando sua posição na sociedade e denunciando as sujeições que a elas eram colocadas. Lutaram por direitos, primeiramente pelo de votar, mas isso não bastava. As reivindicações também se voltaram para esferas educacionais, políticas, econômicas e pela participação e igualdade no trabalho, como afirma Moreno (2008, p. 17).

As mulheres acabaram adquirindo mais direitos e passaram a não mais aceitar certos comportamentos que lhes colocavam numa situação de repressão e violência, apesar destes existirem de forma evidente, ainda hoje. A servidão foi dando espaço à autonomia e independência, que as proporcionou fazerem-se mais presentes nos espaços públicos. Porém, a autonomia conquistada representou para a sociedade liderada por homens um conflito, razão pela qual novas formas de “domesticação” e dominação da mulher foram criadas para mantê-las “presas”, desencadeando um novo controle social. Afinal, na perspectiva de quem estava no “poder” algo teria que “controlar aquelas mulheres que [...] o feminismo teria tornado relativamente incontroláveis [...] [já que] os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade já não [conseguiram] impor [tal controle]” (WOLF, 2018, p. 27).

Esse novo controle se configurou nos padrões de beleza. Neste ponto, Naomi Wolf (2018, p. 25) questiona: será que após tantas conquistas as mulheres se sentem realmente livres? Pois afinal, mesmo com a emancipação das mulheres, boa parte delas sentem vergonha quando o assunto é sua aparência física. A autora então complementa: “quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis [...] [são] as imagens da beleza feminina a nós impostas.” (WOLF, 2018, p. 25). O corpo feminino que é apresentado pela mídia, diverge do corpo da maioria das mulheres. É muito comum ouvir de uma mulher que ela não está contente com seu corpo. A busca pela perfeição e pela semelhança com a imagem da mulher vendida na mídia é constante.

Por mídia entendemos aqui o conjunto de meios de comunicação social de massas como rádio, televisão, imprensa, meios impressos e internet, os quais possuem grande influência no cotidiano da sociedade. É através da mídia que tendências são lançadas e notícias espalhadas. E atrelada às mídias, está a publicidade, que além da venda de um produto, ou a divulgação de um serviço, possui um papel social, onde propaga ideias, conceitos e estilos de vida. Mexe com os desejos da sociedade, seduzindo o espectador.

[...] a publicidade capta os desejos do público e desenvolve campanhas que captam a atenção, sensibilizam, emocionam. Os cidadãos e cidadãs, reduzidos à dimensão de consumidores, introjetam esses elementos e os transformam em aspiração. (MORENO, 2008, p. 8)

Entretanto, os desejos que a publicidade/mídia salientam são de padrões estéticos que poderíamos chamar de irrealis ou que não correspondem aos fatos da vida cotidiana. Onde o corpo “perfeito” é extremamente exaltado em anúncios publicitários veiculados em diferentes mídias. E lê-se “corpo perfeito” o corpo magro, de mulheres brancas, não muito baixas, mas também não muito altas. Em que os dentes são simetricamente retos e brancos. Os cabelos são volumosos, esvoaçantes e brilhosos. A pele sem nenhum sinal de expressão, celulite ou estrias. O corpo, principalmente o feminino passou a ser visto como um objeto de apreciação e desejo.

Nesta perspectiva, Caron (2006, apud SANTOS; EMILIANO, 2014, p. 02) salienta que “nas mídias dirigidas às mulheres desde o século XX até os dias atuais, passa mensagens de: ‘feche a boca, faça uma plástica e vá malhar’”. Causando desconfortos e incertezas nas pessoas, influenciando mulheres a buscarem um padrão de corpo que se adeque com o que é por ela veiculado. O século XXI criou a obsessão pela magreza, dando a entender que qualquer sacrifício é válido para obter o padrão, mesmo que esse sacrifício seja extremamente prejudicial.

O mito de que o corpo perfeito é o corpo magro, é muito severo. De acordo com Fischler (1995 apud FLOR, 2009, p. 268) o corpo constitui nas sociedades contemporâneas uma conduta resultante de coerções sociais. Basta lembrar as situações de desprezo e desprestígio experimentadas pelos obesos e pelas pessoas consideradas “feias” em nossa sociedade.

O corpo magro é uma das maiores referências de beleza corporal na atualidade, quando se fala em estereótipo de beleza, logo se vincula ao culto à magreza, e está quase sempre direcionado aos interesses hegemônicos da sociedade e do capital fazendo-se associação constante à riqueza, à beleza, à fama, à inteligência e, mais recentemente, à saúde. (MARTINS, 2010 apud PEREIRA, 2010, p. 4).

As pessoas que não se encaixam no padrão estético guiado pelos padrões de beleza, acabam, muitas vezes, não se valorizando, resultando em frustrações e o sentimento de não pertencimento ao mundo em que vivem. Aspecto que acarreta na procura por mudança em seus corpos, a qual é feita através de cirurgias, dietas ou até por retoques digitais que fogem do corpo do modo como ele é.

A indústria da beleza é a que tem maior crescimento atualmente. A procura por procedimentos estéticos, desde retoques básicos como alongamento de cílios, à grandes cirurgias, como abdominoplastia, por exemplo, se tornaram ações normais. Basta que se pague por elas. Já no “mundo virtual” as correções de pele, ou “deformações” também ocorrem em demasia. Manchas e marcas de expressões são apagadas, “dobrinhas” escondidas e a pele esticada. Tudo para ficar “bonito” aos olhos de quem vê.

Entretanto, a nova forma de domesticação não teve início somente como forma de controle ao anseio das mulheres em ter autonomia no meio “público”. A “conduta na intimidade” também foi um aspecto que passou por transformações em razão das lutas feministas. Em 1960, com o início da revolução sexual e o surgimento dos anticoncepcionais, a sociedade começou a mudar seu pensamento também em relação ao sexo. O ato já não era somente para a procriação, mas também para o prazer, inclusive o feminino. Os desejos femininos vieram à tona e as mulheres começaram em nível crescente a buscar o poder sobre suas relações íntimas.

Porém, o que era para ter um objetivo de libertar as mulheres de padrões opressores no âmbito da vida sexual, foi distorcido pela sociedade da época e mais uma vez o empoderamento das mulheres passou a incomodar aqueles que sempre estiveram no comando. Como cita Naomi Wolf: “a natureza do que as mulheres desejariam passou a ser uma questão séria e uma grave

ameaça” (2018, p. 197). A libertação sexual das mulheres foi, também, utilizada contra elas. A partir da década de 60 o contato das mulheres com o mundo da pornografia aumentou e a imagem da mulher que foi transmitida através da pornografia foi novamente uma imagem de inferiorização e dominação do sexo feminino. Em filmes eróticos ou pornográficos, as imagens mostravam posições onde quem estava no estado de submissão, era a mulher. O corpo feminino foi desnudado e exposto, fazendo com que as mulheres enxergassem corpos “perfeitos”, estimulando a comparação das “mulheres normais” com aquelas que apareciam nas imagens pornográficas. Junto com a revolução sexual veio, também, o sexo desprotegido e como consequência, a AIDS. A busca pelo corpo belo se intensificou a partir disso, pois como cita Wolf, “somente uma beleza sobrenatural levaria um homem a arriscar a vida por sexo” (2018, p.198). Mais uma vez a perfeição estética estava em pauta.

O nu, que a sociedade passou a conhecer nesse período, tornou-se, então, pejorativo e relacionado à pornografia. A violência usada nesse meio também marcou e o sadomasoquismo foi tratado como parte essencial no sexo. “A onda de imagens de violência sexual derivou sua força da raiva dos homens e da culpa das mulheres com o acesso destas ao poder” (WOLF, 2018, p. 201). No entanto, o mais intrigante é que a violência não foi considerada obscena, mas a curiosidade feminina sobre o sexo sim, complementa Wolf (2018, p. 203).

Mas de onde vem essa “guerra” entre os sexos? Seria somente pela “ameaça” sentida pelos homens? Wolf responde ao questionamento dizendo que “o objetivo do mito da beleza dos anos 1980 foi o de povoar o interior sexual de homens e mulheres com violência [...]” (2018, p. 206). Afinal, homens e mulheres “se amando” é sinal de prejuízo. Como complementa a autora, os anúncios vendem insatisfação sexual. E a publicidade possui grande influência em todo esse processo. Wolf cita alguns anúncios onde a imagem da mulher é objetificada:

[...] a mulher aperfeiçoada está de bruços, com a bacia fazendo pressão para baixo. Suas costas estão sendo arqueadas, a boca aberta, os olhos fechados, os mamilos eretos. Sobre a pele dourada, um fino orvalho. [...] Na outra página, ainda outra versão está de quatro na areia, com as nádegas para o alto, o rosto enfiado numa toalha, a boca aberta, os olhos fechados. A leitora está folheando uma revista comum. [...] No do perfume Opium, uma mulher nua, com as costas e as nádegas à mostra, está caindo da beirada da cama, com o rosto para baixo [...] Nessas imagens, onde o rosto é visível, ele está paralisado num rito de êxtase. A leitora depreende que precisará ter aquela aparência se quiser ter aquela sensação (2018, p. 195).

Com isso, a mulher foi tachada e a nudez tomou uma forma promíscua, afinal, não importa o quanto ela lute para mostrar suas qualidades, o que é considerado importante na

sociedade patriarcal e o que faz a mulher ser interessante, nesse contexto, é o fato de se tornar submissa.

2.3.1 A IMAGEM DA MULHER E A FOTOGRAFIA SENSUAL OU O NU

A respeito da fotografia da mulher, no Brasil, em 1970, a revista *O Cruzeiro* foi a pioneira em matérias com uma abordagem sensual, não pornográfica. Nesta época, as praias estavam lotadas de mulheres bonitas, exibindo seus novos tipos de *maiôs*, outras, já haviam aderido aos biquínis, causando escândalo entre as mulheres mais conservadoras. Porém, uma das motivações para essa exposição era o apelo masculino. Como nesta época a visão do homem, inclusive sobre o próprio corpo da mulher, era majoritariamente predominante, e este era considerado o provedor da família, eles compravam tal conteúdo, gerando movimento na economia, fazendo com que o corpo fosse cada vez mais explorado.

Atualmente, ao folhearmos uma revista não surpreende fotos em que aparecem belas mulheres de biquíni, com uma nudez dissimulada, ou até mesmo completamente nua. Carnaval tá bem aí pra nos provar isso. Mas nem sempre foi assim. No início do século XX, tal situação seria impraticável em revistas, o que nos faz pensar como saímos de uma sociedade conservadora que vigiava os corpos femininos para uma outra que adora despi-los (ARCOVERDE, 2013).

A supervalorização do prazer, foi fazendo com que o mercado entendesse que sexo também vende. A partir disso o mercado pornográfico entra em profundo crescimento, criando conteúdo para revistas e filmes.

Fruto de um contexto complicado que envolve desde a chamada *revolução sexual* e a geração dos *anos rebeldes* até o acirramento da competição pelo mercado da cultura de massa, a exploração e exibição do corpo e a sensualidade ganharia espaço com fotografias cada vez mais ousadas. A nudez surge como um ótimo chamariz de leitores, embora os próprios agentes envolvidos – como a modelo a ser fotografada – não estivessem tão seguros com o novo nicho de *arte* que estava surgindo (ARCOVERDE, 2013).

Motéis e *sexshops* começam a lucrar, produtos eróticos são fabricados, o tráfico negro de mulheres e prostituição infantil é desencadeado. Nessa perspectiva, agências publicitárias e o mercado do marketing notaram que a exploração do corpo na mídia atraía o público. Segundo

Arcoverde, “a sensualidade por meio da fotografia foi criada no Brasil, porque atraía mais leitores para as revistas da época” (2013).

Nesse cenário, o nu masculino teve sua parcela de produção na história da fotografia, principalmente em relação à arte homoerótica, mas ainda assim o nu feminino era bem mais constante que o masculino. Fato muito influenciado pela visão machista e também resultado de que a apreciação para temas eróticos por parte da mulher, não era levada em conta, logo, o nu masculino não tinha tanta aceitação.

A nudez, como foi retratada anteriormente, faz com que a mulher dentro daquele corpo, perca seu sentido, afinal, é vista “somente” como um corpo objetificado, nu, despido de sentimentos, valores, emoções e desejos, com a intenção de trazer prazer ao espectador. Em contrapartida, carrega nessa objetificação, toda carga negativa, pesada e suja que essa nudez vazia proporciona.

Todavia, cada vez que nossa atenção é dedicada a uma mulher pela sua aparência, não prestando atenção no modo como a mesma quer ser vista ou em outras qualidades suas, estamos dando voz ao mito da beleza. O caminho é, além de olharmos para o próprio eu, olharmos também para aquelas que nos cercam. “Podemos nos erguer, a nós mesmas e a outras mulheres, para escapar do mito só se estivermos dispostas a procurar alternativas, dar apoio a elas e realmente examiná-las” (WOLF, 2018, p. 398). Entendemos essas “alternativas” sugeridas pela autora, como a nova forma de ver, por exemplo, a fotografia, em especial a fotografia da mulher nua. “Nova” nudez que traria consigo a autonomia. Despir-se de todos aqueles padrões e regras aos quais as mulheres foram submetidas. Oferecendo uma nova visão, através do registro, inclusive fotográfico, de ritos que celebrem a vida da mulher, pois como acrescenta Wolf “quando formamos uma contracultura pessoal com imagens significativas da beleza [...] outras formas de visão começam a nos ocorrer” (2018, p. 399).

É através das lentes, descrever alguém. Para Sontag, “uma foto não é apenas o resultado de um encontro entre um evento e um fotógrafo; tirar fotos é um evento em si mesmo, e dotado dos direitos mais categóricos — interferir, invadir ou ignorar, não importa o que estiver acontecendo” (1977, p. 12).

A fotografia, como recurso material para a concretização de rituais de passagens traz um novo olhar sobre si e para quem é fotografado. É uma visão do próprio ser que antes não

era conhecida. “Fotografar pessoas é ‘violá-las’, ao vê-las como elas nunca se veem, ao ter delas um conhecimento que elas nunca podem ter” (SONTAG, 1997, p. 14).

No entanto, devido a este histórico negativo da exposição do corpo feminino, a fotografia sensual e a nudez ainda são tratadas como tabus e são vistas com maus olhos. Segundo Arcoverde (2013), isso ocorre porque, no caso das mulheres, há o medo de ser julgada como “vadia” ou por medo de enfrentar o seu próprio corpo, também há o medo da comparação com as mulheres ditas como beleza universal pela mídia, ou seja, aquela que não tem celulite, “pneuzinho” ou “seios caídos”.

Apesar de tudo, aos poucos, ainda de acordo com Moraes e Assunção (2017, p. 25), o cenário em que a mulher é sinônimo de desejo, de submissão, de sedução, de magreza, e que deve ser aceita por homens, está mudando. No entanto, o desejo da “pseudo” perfeição estética ainda tem grande presença.

Os pensamentos sobre o “papel” da mulher estão muito enraizados e ainda são reproduzidos. Para haver uma mudança radical e as mulheres “adquirirem” uma nova imagem, há um longo e difícil caminho. Porém, já demos passos importantes, a busca pela aceitação está em crescimento e a reflexão é constante. Aspecto que nos leva a perguntar pelo papel da publicidade e propaganda nesta conquista e, em específico, se a fotografia sensual de mulheres consideradas “fora do padrão” é capaz de ser um meio no e pelo qual, para percorrer este caminho árduo, as mulheres poderão contar. Afinal, os corpos “fora do padrão” não podem ser considerados belos? Qual a relação da imagem com a autoestima de uma pessoa?

2.4 AUTOESTIMA

De acordo com Zago "autoestima é a opinião e o sentimento que cada pessoa tem por si mesma, sua capacidade de gostar de si" (2018). Se reconhecer, faz com que estejamos preparados para enfrentar os desafios da vida, pois sabemos até onde podemos chegar, através de nossa coragem e persistência. Autoestima está relacionada à saúde mental ou bem estar psicológico, segundo Gobitta e Guzzo, em *Estudo Inicial do Inventário de Auto-Estima (SEI) - Forma A (2002)*, e sua falta está diretamente ligada a fenômenos mentais como depressão e suicídio.

O caminho mais viável para uma auto-avaliação positiva é o autoconhecimento. Conhecer seu próprio eu é fundamental, pois implica ter ciência de seus aspectos positivos e negativos, e valorizar as virtudes encontradas. Este diálogo interior requer um voltar-se para si mesmo, a determinação de empreender essa jornada rumo à essência do ser, deixando um pouco de lado o domínio do ego (SANTANA, 2018).

A baixa autoestima, de acordo com Santana (2018), faz com que olhar para si seja algo doloroso sentimentalmente. Os defeitos são sobrepostos às qualidades e acabam se tornando maiores do que realmente são. Não ter confiança em si, proporciona desconfortos e "achismos" de que sua capacidade é limitada, acumulando sentimentos como vergonha e frustração, levando até mesmo a termos inveja de alguém que está feliz consigo.

Para Coopersmith, "as pessoas que solicitam ajuda psicológica expressam com frequência sentimentos de inadequação, pouco valor e ansiedade associada à baixa auto-estima" (1967 apud GOBITTA; GUZZO, 2002). Entretanto, a baixa autoestima não é um problema sem solução, ainda de acordo com o autor, há vários caminhos para fazer com que a autoestima seja elevada, como por exemplo:

[...] Cuidar da aparência física, para que se tenha prazer de olhar no espelho, saber valorizar nossas qualidades, deixando de superestimar os defeitos, aprender com as vivências experimentadas ao longo da vida, saber desenvolver por si mesmo amor e carinho, ouvir a intuição e acreditar que se tem o merecimento de ser feliz, de ser amado, bem como desfrutar os prazeres mais simples da vida, mas que efetivamente nos fazem felizes. (SANTANA, 2018)

Deixar de superestimar nossos defeitos já é um grande passo para melhorar nossa autoestima, afinal, que defeitos são esses, que nos fazem achar que não somos dignos de nos

vermos belos? Esses que chamamos de defeitos, são realmente defeitos, ou são simplesmente nosso corpo, nos fazendo únicos?

3 INTERPRETAÇÃO DAS FALAS

Neste capítulo será realizada a transcrição das falas mais relevantes das entrevistas e a interpretação da fala das mesmas por unidade temática. Por questões de sigilo e preservação de identidade das entrevistadas, as mesmas não terão seus nomes divulgados, portanto serão mencionadas neste trabalho como Entrevistada 1, Entrevistada 2, Entrevistada 3, Entrevistada 4 e Entrevistada 5.

As perguntas realizadas foram divididas em pequenos blocos, sendo eles: idade e cidade em que as mulheres entrevistadas residem, informações básicas sobre quais meios de comunicação utilizam, introdução relacionada à personalidade das entrevistadas, perguntas referentes à autoestima, corpo, o ensaio fotográfico, influência da sociedade nas escolhas e a representação nas mídias. Para tanto se destaca em um primeiro momento que as mulheres entrevistadas tinham idade entre 22 a 28 anos. Sendo moradoras das cidades de Carazinho ou de Passo Fundo, todas elas usuárias de meios de comunicação como televisão, revistas, redes sociais e aplicativos de conversa virtual, como é o caso do Instagram e do Facebook em geral.

As entrevistadas quando perguntadas sobre suas qualidades, deram respostas diversas, expondo suas personalidades. Os pontos principais destas respostas foram: a Entrevistada 1 se considera uma pessoa paciente. A Entrevistada 2 se diz impaciente, mas persistente por ser impaciente. A Entrevistada 3 se julga uma pessoa verdadeira. Na visão da Entrevistada 4, ela é uma pessoa compreensiva e empática. E conforme a Entrevistada 5 ela é uma pessoa sensível.

As entrevistadas foram questionadas sobre os aspectos que mais gostam em seus corpos. A maioria delas respondeu que atualmente está feliz com seu corpo, porém, algumas já passaram por mudanças estéticas, como por exemplo, a rinoplastia e a química nos cabelos. A Entrevistada 1 relata que sua vida mudou para melhor depois da cirurgia no nariz, pois ela passou a se aceitar mais e hoje se sente satisfeita com seu corpo. Já a Entrevistada 2 afirmou gostar dos seus olhos, disse que os acha expressivos. A resposta da Entrevistada 3 foi que ela se ama, gosta de tudo porém, se arrepende de ter feito química no seu cabelo, que era *black power*. Ela gostava de como o cabelo era, mas decidiu alisá-los, pois sofria *bullying* na época que estudava no ensino fundamental. Além disso, o *bullying* sofrido também ocorria por conta de ser muito “magrinha”. “Eu me sentia estranha”, comenta. Conforme a Entrevistada 4, o sorriso é a parte que ela mais gosta. Mas não no seu sentido físico e sim no seu contexto. Já gostava dele mesmo quando não tinha os dentes retos, isto é, antes do uso do aparelho

ortodôntico: *“desde criança sempre foi o que eu gostava de ver em mim, mesmo usando aparelho, antes eu também gostava quando eu não tinha os dentes retos. Sempre gostei do sorriso”*. A Entrevistada 5 conta que gosta das suas pernas e sobre seus seios ressalta: *“não no momento, porque agora estou começando com estrias, mas gostava dos meus seios”*.

As participantes também responderam sobre aquilo que não gostam no corpo delas. Para a Entrevistada 1 não há nada no corpo que ela não goste. Na visão da Entrevistada 2, o que a incomoda é o fato de ter engordado um pouco, devido a alguns problemas com ansiedade e início de depressão. Ocasionalmente em muita vontade de comer. Para a Entrevistada 3 o que ela não gosta é o seu cabelo, devido à química que ele foi exposto, boa parte em razão do preconceito que sofria por ter ele *black power*. *“Eu não gosto do meu cabelo. Eu tinha ele cacheado e eu estraguei com química, hoje eu me arrependo muito”*. A Entrevistada 4 diz que não gosta do seu corpo em um contexto geral: *“Eu não gosto porque acho que é uma questão total de padrão imposto. Não gosto porque eu queria emagrecer. Eu queria ter o corpo mais definido, mas isso não é uma coisa que me atrapalha como pessoa, hoje. Já me atrapalhou, mas hoje é natural.”* Para a Entrevistada 5 o que a incomoda é uma pinta no rosto, que quando ela era pequena, a pinta era motivo para as pessoas falarem, causando desconfortos durante sua infância: *“quando eu era pequena todo mundo falava da minha pinta. E isso me incomodou a infância inteira, então hoje por mais que não incomode mais, eu decidi que não quero, porque acho que vai ficar mais bonito sem”*. Além disso, celulite também é um fator que incomoda bastante: *“a celulite é natural a gente não gostar”*. Dando sequência a esse comentário feito a respeito da celulite, a entrevistada é questionada do porquê ela achar que é normal não gostar de celulite, então, a mesma responde: *“por causa da sociedade, das taxações da sociedade. Aquela obrigação de corpo perfeito, que impõem para gente”*.

Quando expostas a uma pergunta relacionada a como é sua autoestima atualmente, a Entrevistada 1 respondeu que sua autoestima está *“normal”*. Mas logo depois de ter feito o ensaio fotográfico, confessa que teve um *“gás”* e deseja ser fotografada novamente para dar um *“up”* na autoestima: *“estou bem, não estou com minha autoestima lá em cima, mas quero fazer de novo para dar um up. Não sinto que minha autoestima voou, acho que estou na mesma. Mas logo depois do ensaio sim, quando tu vê o resultado, te dá um gás”*. Segundo a Entrevistada 2, hoje sua autoestima é *“tranquila”*. Antes do ensaio a participante estava se achando gorda, mas depois que viu as fotos, percebeu que não está gorda: *“talvez seja impressão minha, tô bem tranquila agora”*. Ela passou por ajuda psicológica, pois começou a se sentir muito nervosa e apreensiva, o que fez com ela começasse a ter transtornos alimentares, ocasionando em uma extrema vontade de comer. Em relação a autoestima da Entrevistada 3, ela relata que teve

depressão, pois havia uma época em que se sentia horrível. Passava por um relacionamento complicado e quando decidiu terminar, seu ex companheiro a ofendeu de diversas formas, principalmente por sua aparência:

[...] eu tive um namorado que uma vez quando eu resolvi terminar com ele, porque ele era muito agressivo comigo (ele chegou a me agredir), ele começou a me botar para baixo, dizer que eu era horrível, que eu não ia conseguir ninguém, que eu tinha os dentes tortos, que eu era “vesga”, que eu tinha dente de cavalo, ele me botou no chão, aí eu fiquei mal entrei em depressão.

Ela conta que não tinha vontade nem de se olhar no espelho. No relacionamento se preocupava mais com outra pessoa do que com ela mesma, “*então eu ficava pensando só no bem ‘dele’, e eu me deixava de lado, não comprava roupa nova, não me cuidava, não tirava a sobrancelha, não fazia nada. Eu era um ‘gurizão’*”, comenta a Entrevistada 3. Em razão disso ela passou por tratamento psicológico e hoje se sente muito melhor. Relata que atualmente presta mais atenção em si mesma, começou a fazer exercícios, colocou aparelho nos dentes, comprou lentes e passou a se cuidar mais, no entanto, boa parte desse cuidado se deu em função de críticas que sofreu no passado em relação a sua aparência. Hoje ela afirma que “*se ama*”. Já a Entrevistada 4, conta que em relação a sua aparência física, é bastante insegura, porém, é muito segura em relação a sua conduta como ser humano. De acordo com sua fala:

E eu acho que uma coisa compensa a outra. Porque eu consigo identificar. Eu não tô me sentindo bonita, mas sei que tenho um coração bom [...]. Eu acho que minha autoestima é boa, mas que ela é boa não porque eu me acho uma mulher muito bonita, mas porque eu aprendi que eu sou mais do que isso, mais do que o físico.

Na resposta da Entrevistada 5 ela comenta que com o tempo e com ajuda psicológica, sua autoestima melhorou muito e ela vem se sentindo melhor. Relata que depois do ensaio, se sentiu melhor ainda. Agora ela consegue enxergar suas qualidades e não prioriza mais seus defeitos. Começou a se amar pelo que ela é, mesmo tendo “*celulite e pneuzinhos*”.

Em relação aos ensaios realizados, elas contam como foram suas experiências. A Entrevistada 1 comenta que gosta de tirar fotos e sempre acompanhou trabalhos de fotógrafos nas redes sociais e foi convidada por um amigo a fazer o ensaio. Ela achava que alguns ângulos não iam ficar legais, mas depois percebeu que tinha ficado bom, como por exemplo, uma “*cara sensual*”. Depois que viu o resultado percebeu que tinha se gostado “*foi uma aceitação*”, ela comenta. Ainda diz que depois do ensaio se sentiu mais solta, realizada. A Entrevistada 2

também foi convidada a fazer o ensaio. Foi algo inesperado e para tomar a decisão se faria ou não, ficou apreensiva pelo julgamento dos outros: *“Eu sabia que ela ia postar as fotos, mas aí o que as pessoas iam pensar?”* Ela relata que o ensaio foi importante para poder se ver melhor e ver o resultado de algo que ela tinha dúvida: *“eu vi que não tem porque eu ficar achando defeito, ela (a fotógrafa) disse: ‘vem bem natural’. Eu lavei o cabelo e eu fui.”* E a experiência de não ter se maquiado, também foi importante, pois pôde ver que ao natural é mais bonita. Sua percepção mudou para melhor após as fotos e ela passou a se gostar mais depois que as viu. *“Eu comecei a ver as coisas diferentes”* comenta. Ressalta que também foi importante para ajudar até na sua ansiedade: *“foi muito diferente, foi um dia diferente para mim”*. Para a Entrevistada 3, a escolha de fazer o ensaio partiu dela mesma, pois ela nunca tinha uma boa autoestima, devido ao preconceito sofrido na infância e, naquele momento, principalmente em função de um relacionamento conturbado pelo qual passava. A realização do ensaio foi uma forma que ela achou de guardar uma recordação dela mesma, para ver no futuro. Porém, ela comenta: *“meu ex disse que eu fiz para aparecer e que as mulheres que fazem ensaios, fazem para aparecer para outros homens, para chamar a atenção. Mas eu fiz por mim e me senti melhor depois, no começo até pensava ‘ai mas não gostei’, mas depois, foi mais por uma pressão dele.”* Após ter visto o resultado, a entrevistada expõe que se sentiu ótima, maravilhosa, de atitude. *“Muitas colegas chegaram e disseram: ‘eu queria fazer, mas não tenho coragem’. Eu fui lá e disse: ‘dane-se!’”* Sobre se gostar mais depois das fotos ela relata que as imagens mudaram a percepção sobre seu corpo, que agora aprendeu a se amar do jeito que é e ficou *“bem feliz”* com o resultado. De acordo com a Entrevistada 4, aceitar o convite de uma amiga para realizar o ensaio foi fácil, pois ela sabia que seria importante para ela. Relata que já fez vários ensaios:

Os ensaios foram feitos em momentos bem diferentes da minha história como mulher. O primeiro eu fiz quando eu estava passando por uma situação bem ruim, o fotógrafo que é meu amigo me convidou e aí eu fui e foi super legal, foi uma experiência muito boa. O segundo eu também estava passando por uma situação bem ruim, eu tinha saído de um relacionamento muito difícil e estava meio perdida.

Um desses ensaios foi autorretrato. Sobre essa experiência ela declara:

[...] foi bem forte a experiência, às vezes, na vida a gente não pensa no peso que isso [fotografia] tem pra outras pessoas, é muito sério, muita gente não percebe a seriedade disso, a fotografia pode dar uma visão nova para uma pessoa, isso pode ser muito bom ou pode ser muito ruim, você pode destruir uma pessoa.

Sobre os outros ensaios que fez as experiências também foram positivas:

Para mim foi muito louco e eu não sabia que eu podia me ver pelo olhar de outra pessoa e me achar bonita. [...] todas as vezes foram marcos, pelo momento que eu estava vivendo, e a importância foi aumentando, por isso eu sempre digo quando alguém me pergunta para fazer porque é muito massa, é muito louco se ver bonito pelo olhar de outra pessoa. Às vezes a gente é tão duro com a gente mesmo, se cobra tanto, e você se vê com o olhar de outra pessoa que te conhece ou não, mas que vê tanta beleza em ti, é muito especial.

Após a realização das fotos, ela menciona que se sentiu maravilhosa e que passou por uma experiência incrível, mas que estava apreensiva, pois sabia que as pessoas que a fotografaram eram contra a manipulação de imagens. Portanto, ela fala: “e isso ao mesmo tempo te dá medo, porque você sabe que ninguém vai tirar tua barriga dali, é bom porque mesmo com aquela barriga você continua bem”. Sobre o fato de se enxergar através do olhar de outra pessoa, a entrevistada cita que é um sentimento de identificação. Além disso, em cada ensaio que ela realizou, ela estava em “vibes” diferentes. Houve um tempo em que ela andava bastante maquiada, e as fotos registraram isso. Em outro momento, ela não era mais essa pessoa e as fotos também registraram esse momento:

E eu acho que isso que é o importante, há um ano eu nunca ia achar que eu ia me sentir bonita sem estar com batom vermelho, por exemplo. Ser eu é traduzir como eu estava me sentindo naquele momento. No outro ensaio eu estava com batonzão, com um monte de maquiagem na cara, mas está tudo bem porque eu era aquela pessoa naquele momento. E eu acho que é isso, o contexto que te representa.

Tratando-se da percepção sobre si, relata que não sentiu grandes mudanças, mas nota que está no caminho certo para se aceitar mais: “a aceitação é um processo que nunca termina e acho que todas as vezes foi esse aviso. Tá tudo bem se você não se sentir bem sempre, mas a gente está caminhando para que em algum momento isso seja melhor. E eu sinto que vem melhorando de forma geral”. Quando perguntada sobre se gostar mais depois das fotos, coloca que fotografar ajuda nesse processo, mas que sem a ajuda da terapia, por exemplo, ela teria enxergado as fotos de outra forma. A Entrevistada 5 ganhou o ensaio de presente do seu namorado. O motivo de ele tê-la presenteado foi que ele achava que ela merecia se sentir “daquela forma” e que seria importante para ela. Ela demorou em aceitar, pois se diz bastante tímida. Então, em um momento de crise no relacionamento, motivado pelas suas inseguranças,

a Entrevistada resolveu aceitar o presente e realizar as fotos. O motivo de ter aceitado, foi para poder olhar mais para ela mesma, para se sentir melhor. Ainda conta que as fotos foram totalmente diferentes, pois a ênfase não era no seu corpo e aparência, fazendo com que ela sentisse muito mais o que tinha dentro dela do que fora: *“a maioria das fotos que eu gosto são de olhos fechados. Porque eu pude me sentir naquele momento, por isso eu acho que mostrou mais da minha essência”*. O sentimento que predominou depois do ensaio foi a ansiedade para poder ver o resultado. Porém, depois de ter visto as imagens, comenta: *“eu não conseguia parar de postar no começo, porque cada dia que eu estava para baixo, estava em um dia não muito legal, eu postava uma foto, sabe? Parece que dá um up”*. Ressalta que pode olhar para suas qualidades e perceber que elas são maiores que seus defeitos, transformando-a em uma pessoa mais confiante, que passou a se cuidar mais. Sua experiência com as fotos foi tão energizante, que decidiu dar de presente para sua irmã, que também passou, de acordo com ela, *“a se amar ainda mais”*. As duas pretendem continuar essa *“corrente do bem”* e presentear sua mãe.

As participantes opinaram sobre a representatividade delas na mídia. Descreveram como se sentem ao verem mulheres expostas nas mídias, como televisão ou revistas. Foram questionadas sobre as modelos serem “reais” e a resposta da Entrevistada 1 foi que as pessoas aparentam ser reais, mas tem muitos meios para ficarem bonitas, como preenchimento labial e silicone. Ela desabafa que não se sente representada nas mídias, pois usa aparelho nos dentes. Se sente incomodada, pois é muito difícil encontrar modelos, ou atrizes usando aparelho ortodôntico:

[...] uma coisa que eu estava pensando agora, (não se sente representada) por causa do meu aparelho, na hora que eu vou tirar fotos com meu amigo, eu não me sinto confortável com meu aparelho. E tu não vê pessoas com aparelho na mídia, tu não vê na novela, entendeu? É uma coisa que me incomoda. Se tu parar para pensar não vai ter uma revista. Só se é propaganda de um novo aparelho que vai aparecer um pessoal lá, mas é difícil.

Além disso, acredita que a falta de representação também ocorre, devido a manipulação de imagens, utilizando ferramentas de edição de imagem, como *Photoshop*, fazendo com que a admiração por *“celebridades”* seja algo *fake*. Na opinião da entrevistada quando perguntada sobre o que a faria sentir-se representada, ela comenta: *“Pessoas com aparelho, né? E não sei, só se eu me manipulasse, talvez se botasse um preenchimento labial, fizesse um clareamento dental um coisa que ficasse mais igual a elas. Mas não sei, porque parece que a gente que é a errada, sabe?”* Perguntamos se é “a gente” que deveria parecer com as modelos, então ela responde que o certo não seria, porém, é a maneira que estamos direcionadas a pensar. A

Entrevistada 2 possui uma opinião diferente. Relata que atualmente se sente mais representada, pois acha que está sendo mais discutido sobre como cada mulher tem suas particularidades.

Todo mundo era bastante tachado e agora as pessoas parecem que estão saindo daquela de que só é bonito uma pessoa magra ou de um jeito ou de outro. Acho que agora me sinto representada. Agora está mudando o cenário, parece que ser diferente é ser bonita. E antes não. Imagina as pessoas falando em modelos plus sizes, nunca jamais. E hoje em dia é tão bonito tu ver elas, tão diferente.

Em relação à manipulação nas pessoas, ela acredita que algumas pessoas usam efeitos de manipulação, porém é o modo que encontram para se sentirem melhores consigo mesmas. Na visão da Entrevistada 3, a falta de representatividade também ocorre por as personalidades e condutas das artistas serem diferentes das suas. Quanto ao aspecto físico ela afirma também não se sentir representada:

O que eles mostram, o estereótipo, aquela mulher perfeita, sarada, com tudo perfeito. Por isso que muitas pessoas se submetem a cirurgias que às vezes saem com sequelas, por causa da pressão da sociedade em você ser perfeita do jeito que elas mostram. As mídias deveriam dar mais atenção à mulher de cá, do jeito que elas se gostam, várias formas, mas eles pregam aquele estereótipo, acho que deveria mudar isso na realidade.

Para ela, o que a faria sentir-se representada seriam pessoas “normais”, com “defeitos” visíveis.

O que deveria ser passado é pra mulher se aceitar do jeito que ela é. Eu vejo as artistas falando, se aceite como tu é, mas elas já passaram por muitas cirurgias plásticas, acho que deveria começar por aí, campanhas publicitárias com mulheres mais gordinhas, negras, mulheres baixinhas, mulheres altas, não só o padrão, eles deveriam dar a oportunidade para outros tipos, para poder incentivar a mulher se aceitar do jeito que ela é.

Opina que a grande maioria passa por esses retoques e acabam ficando deformadas na tentativa de encontrar a “forma perfeita”, o que faz perderem sua “essência real”. Ainda comenta que a sociedade impõe a forma que as pessoas deveriam ser, por isso as mulheres não se sentem como elas querem, para usar o que elas querem. Para ela, o que é certo ou errado diz respeito a cada um. A Entrevistada 4 complementa afirmando que não se sente representada nas mídias. Narra um exemplo de um desfile que ela assistiu, onde não teve vontade de comprar as

roupas, pois ela não se identificou. As modelos utilizadas não tinham seu biotipo, nem altura, fisionomia, isto é, nada a representava. De acordo com ela,

Se eu visse uma pessoa que pesava 40 quilos vestindo um vestido eu não ia querer comprar aquele vestido se eu peso 20 quilos a mais. Eu não me sinto representada em quase nenhum sentido, porque eu não me vejo [...]. É 2018 e a gente quase nunca vê uma modelo negra por aí. A gente não vê uma modelo que usa tamanho 40, eu acho absurdo, não me sinto representada.

Expõe ainda, que quando surge um momento para se sentir representada, “*aquilo vira notícia*” e em sua visão, se virou notícia, já é algo que não é normal, portanto já foge da representatividade. Quando abordada sobre a questão da manipulação, ela afirma com certeza que as fotos foram “*mexidas*”, em edições que não respeitam nem a anatomia do corpo humano, o deixando bizarro. “*Conheço tanta gente que tentou ser modelo e não foi porque era gorda ou foi, mas eles falaram que precisava operar o nariz e colocar silicone. Isso não existe. Não é aceitável. Não consigo achar isso normal*”. A entrevistada se sentiria representada se a “*ditadura da beleza*” fosse alterada. Para ela a imagem de que a mulher deve ser impecável e delicada não existe, ninguém é assim o tempo todo. Além de tudo, comenta que esse comportamento é cultural: “*Vem desde a infância, desde que a gente compra a Barbie, porque todo mundo preferia a Barbie e não a Susi*”. A opinião da Entrevistada 5, é de que no momento em que estamos passando, as mídias estão trazendo uma visão mais realista do mundo. Porém, menciona: “*por muito tempo a mulher tinha que ser representada por uma loira magra, maravilhosa, sem nenhum defeito, sem celulite, peito grande, bunda grande barriga sequinha e eu nunca fui assim*”. Descreve que as mídias passam sim a visão perfeita que devemos ser, entretanto, não é assim que temos que agir e sim nos amar como somos. Quando comentamos se as artistas ou modelos passam por manipulações, a participante diz: “*Com certeza, até eu sigo alguns artistas no Instagram e elas sempre falam que tiveram que perder tantos quilos para tal papel, ou ganhar tantos quilos para aquele outro*”. Acredita que agora estamos mais representadas, não como deveria, mas a diversidade é algo que está em pauta e em crescimento: “*as pessoas estão começando a enxergar que padrão não existe, que quem constrói nossos padrões somos nós mesmos.*”

Nas entrevistas, outro tema abordado foi a influência externa nas escolhas das mulheres, advindas da sociedade, da família e, em especial, de alguma figura masculina. Para a primeira Entrevistada, tiveram fotos que ela adorou e, certamente, publicaria nas redes sociais, porém, as fotos não foram postadas pelo fato de seu namorado, mesmo apoiando a escolha de fazer as

fotos, sentir ciúmes. Também comenta que antes de realizar o ensaio, ficou apreensiva, pois quem iria fotografar era um colega de trabalho, que também era amigo de outros colegas: *“tinha medo de ir a uma janta, por exemplo, e as pessoas ficarem se mostrando as fotos. Fotos que talvez nem eu tivesse visto. Mas isso a gente foi conversando e eu fui tendo confiança”*. A insegurança da Entrevistada 2 era em relação a reação da sua família, pois seus pais viam ensaios sensuais como promiscuidade. Já na fala da Entrevistada 3, ela conta que sua baixa autoestima foi desencadeada a partir de problemas com seu pai na infância e também em um relacionamento abusivo. Ela traz novamente a questão do *bullying* na escola, por morar em uma cidade pequena e com predominância holandesa: *“então imagina eu negra na escola em que a maioria era holandês, brancos, eles me tiravam muito. Hoje é bullying, mas implicavam muito, chegavam me bater e tudo porque eu era estranha [...] eu era tratada como esquisita”*. Por muito tempo suas escolhas eram baseadas nas vontades alheias. *“Eu vivi muito pelo que os outros vão pensar. Não importava se eu gostava do que tava vestindo, se eu gostava do jeito que eu me portava, eu era muito guiada pelo que os outros iam falar, eu era muito assim influenciada pela família, pelo namorado, pelas amigas, pela sociedade. Mas por ser mulher, porque homem pode tudo”*.

Segundo a Entrevistada 4, às vezes, ela se pega em algumas *“nóias”* que possuem influência externa: *“Esses tempos eu viajei com umas amigas. [...] O físico é muito mais importante para elas do que é pra mim. Então como eu fiquei inserida naquele contexto, eu me pego tendo umas ‘nóias’ que nunca tive, eu tento não pensar.”* As *“noias”* que a mesma comenta, são relacionadas a coisas que ela pensa em não comer, ou roupas que ela pensa em não vestir, por medo de engordar ou parecer fora do padrão estético e que esses tipos de pensamento tomam forma, quando está sob influência de pessoas que pensam dessa maneira. Também cita que por muito tempo não compreendia porque seu nariz era como era. Quando pequena botava prendedor no nariz para tentar deixá-lo fino. Até entender que sua descendência é africana, suas raízes são assim:

[...] a ‘noia’ da minha vida sempre foi meu nariz, eu odiava meu nariz quando eu era criança eu botava prendedor de roupa para afinar. E eu acho que isso era uma ligação muito cultural, porque eu não consegui entender porque que todo mundo tinha nariz fino e eu não. Minha descendência é africana, eu nunca vou ter o nariz fino, se eu não fizer uma rinoplastia e por muito tempo fui escrava disso, eu queria operar e por muito tempo eu achei que eu tinha que ter a perna fina. Mas é minha raiz eu não posso mudar isso. E eu acho que me sentir maravilhosa é conseguir ver as coisas que antes eu odiava como uma coisa normal, não como qualidade, é só eu. Quem eu sou.

A Entrevistada 5 relata que tem um pai conservador e muito exigente e essa personalidade acabou afetando sua autoestima. Pois os dois possuem pensamentos e vontades diferentes. Em suas discussões, o pai acabava falando de como queria que ela fosse. Seu pai quis intervir até mesmo na escolha de sua profissão. Mas agora está mais resolvida e determinada a pensar e agir de acordo com seus próprios pensamentos. Além disso, também teve problemas com seu primeiro namorado:

[...] tive um relacionamento abusivo, meu primeiro namorado com 19 anos ele escolhia o que eu vestia, dizia com quem eu andava, acho que isso também fortaleceu muito minha insegurança porque é uma fase muito difícil. Eu estava saindo da adolescência e entrando na vida adulta, entrando na faculdade e eu fiquei muito mal porque eu acreditava no que ele dizia. Ele me chamava de gorda, porque foi o meu maior peso e depois disso eu acho que comecei entrar nessa bolha que ele me colocou, eu não tinha mais amigos, eu vestia o que ele queria, só saía de casa quando ele deixava. E eu me coloquei nesse lugar. Eu não existia, eu não era eu.

As entrevistadas comentam como foi o processo de edição das imagens. Apenas a Entrevistada 3 pediu para que a edição fosse feita em seu corpo. Ela pediu para que seus culotes fossem “apagados” e acredita que foi motivada pela pressão das mídias, em “*ser perfeita*”. As demais meninas não pediram para fazer retoques na sua aparência, pois queriam se ver como realmente são, como relata a Entrevistada 5:

[...] se ela tivesse feito photoshop eu ia me iludir com o que eu não sou. Assim eu posso me ver como eu sou e posso mostrar para os outros que eu me amo como eu sou”. “Eu sou assim, o que eu tô querendo mostrar, para quem eu tô querendo mostrar, se eu sou assim? Tem que mostrar como eu sou e eu nunca pensei assim antes. Depois das fotos eu comecei a pensar: “eu sou assim e tenho assumir o que eu sou”.

Da mesma forma a Entrevistada 4 comenta que pode se sentir maravilhosa, vendo coisas que antes odiava em si, como coisas normais. Não são qualidades e, sim, ela. Quem ela é. Para a Entrevistada 2, não fazer retoques foi importante, bem como não usar maquiagem: “*Eu acho que é tão bonito. Independente da pessoa estar gordinha, estar magra, estar super magra. É tão bonito tu ser você. E acho que é isso o principal*”. Na fala da Entrevistada 1 é relatado que tem coisas que ela viu nas fotos que não tinha percebido antes, como algumas “*gordurinhas*”. Mas também optou por não tirar das imagens: “*E também eu sou assim. É bom para se conhecer*”.

Algumas convidadas também relataram a importância de suas mães na vida delas. A imagem de mulheres fortes e determinadas sempre esteve presente, sendo alicerces na vida dessas pessoas. Para a Entrevistada 5, sua mãe é o maior exemplo de amor próprio. Já para a Entrevistada 3, vê sua mãe como uma guerreira.

É possível, através das entrevistas, perceber o quanto as pressões sociais e o domínio da opinião masculina sobre o corpo da mulher possui influência no modo como elas se percebem em nossa sociedade. No entanto, fazer os ensaios fotográficos sensuais ou nus, sem foco na erotização para fins pornográficos do corpo, foi importante para essas mulheres poderem aceitar sua aparência física, reconciliarem-se consigo mesmas, valorizarem aspectos positivos em seus corpos que elas não estavam acostumadas a perceber e, inclusive, libertarem-se do fantasma de alguns padrões que as perturbavam. Tais aspectos serão foco de abordagem no terceiro capítulo deste trabalho.

4 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo faremos a análise dos dados obtidos nas entrevistas à luz da fundamentação teórica. As entrevistas realizadas contém riqueza de detalhes e confissões que se conectam com os pensamentos de alguns autores utilizados na realização desta monografia. Para darmos início a análise, iremos retomar alguns pontos importantes citados acima. Todas as entrevistadas relatam que já tiveram momentos em que se sentiram desconfortáveis com alguma parte do corpo. Três das entrevistadas já realizaram procedimentos estéticos para alteração de alguma parte do corpo, como rinoplastia, retirada de pinta do rosto e química nos cabelos. Essa busca por retoques é uma característica atual, considerada “normal” entre as mulheres. Tão comum, que mesmo quando são perguntadas sobre o que gostam no seu corpo, a resposta sempre aponta de maneira automática para algo que não as faz contentes consigo mesmas. Wolf fala sobre a prática de procedimentos no corpo feminino, fazendo uma ligação com a história da pornografia, mencionada no primeiro capítulo deste trabalho: “era rotineiro que implantes mamários de silicone fossem inseridos no corpo das mulheres, e a pornografia influenciava a cultura popular a tal modo que as mulheres começavam a demonstrar ansiedade com o tamanho e o formato dos seios” (2018, p. 17).

A Entrevistada 3 cita que gostava do seu cabelo *black power*, porém, houve uma época em que ele não era aceito. Hoje, de acordo com Wolf, “mulheres negras sentem-se mais livres para usar trajes e penteados afro tradicionais em ambientes profissionais, e a chapinha alisadora não é o fardo obrigatório que foi no início da década de 1990” (2018, p. 21). Bem como a Entrevistada 4, que gostava dos seus dentes mesmo quando eram tortos. Porém, as duas decidiram mudar essas características, em virtude do *bullying* sofrido e do padrão estético vigente em nossa sociedade. Essas duas falas possuem grande importância para esse estudo, pois identificam o que foi mencionado no primeiro capítulo, confirmando o fato de que algumas escolhas são influenciadas por pressões externas, mesmo quando geram descontentamento ao indivíduo que as faz. Outras colocações das entrevistadas que se conectam com essa teoria é a fala da Entrevistada 5, em que é comentado que a mesma decidiu tirar uma pinta de seu rosto, pois sempre foi motivo para comentários desagradáveis. A mesma entrevistada afirma atualmente não estar mais gostando de seus seios, por causa do aparecimento de estrias e também se sente incomodada com sua celulite. Já para a Entrevistada 1, o seu descontentamento era seu nariz. Para a Entrevistada 2, o que a deixa incomodada é o fato de ter engordado. Além disso, a Entrevistada 4 ainda complementa afirmando que também não gosta de seu corpo, pois

deseja ser mais magra. Analisando esses comentários podemos perceber que todas as características estão ligadas à estética, aos padrões mencionados no capítulo primeiro e ao culto à magreza, fazendo com que as frustrações comentadas anteriormente, apareçam. Nesse contexto, é importante reafirmar também a fala da Entrevistada 4: “*eu não gosto (do corpo) porque acho que é uma questão total de padrão imposto*”.

Na pergunta relacionada a autoestima, hoje as entrevistadas se consideram bem com elas mesmas, apesar de ainda existirem pequenas inseguranças para algumas. Quatro das cinco entrevistadas tiveram ajuda psicológica, devido a problemas relacionados à depressão, ansiedade e inseguranças. Fato que é importante destacar, pois conforme Gobitta e Guzzo, em *Estudo Inicial do Inventário de Auto-Estima (SEI) - Forma A (2002)* a autoestima

[...] está relacionada à saúde mental ou bem estar psicológico [...] a sua carência se relaciona com certos fenômenos mentais negativos como depressão e suicídio. [...] As pessoas que solicitam ajuda psicológica expressam com frequência sentimentos de inadequação, pouco valor e ansiedade associada à baixa autoestima (2002, p. 143).

Precisamos levar em consideração também a causa desses transtornos mentais, que surgiram advindos de ofensas relacionadas à aparência, a pressão imposta às entrevistadas e também, para algumas, a figura masculina opressora. Como foi o caso das Entrevistadas 3 e 5. Para a Entrevistada 3 a figura masculina do pai, na infância, era bastante conturbada, pois o mesmo tinha problemas com alcoolismo. Suas inseguranças foram surgindo nessa fase e se estenderam até sua adolescência. Seu antigo namorado também teve participação na sua autoestima baixa. Como citado no capítulo acima, o mesmo a ofendia e tentava denegrir sua imagem. No caso da Entrevistada 5, seu pai também teve grande influência nas suas inseguranças, pois queria que a filha seguisse suas vontades. Relatos que se ligam com as inseguranças dos homens citadas nesta monografia, desencadeando em uma tentativa de deixar as mulheres para baixo como forma de se sentirem eles próprios melhores.

Quando falamos nos ensaios fotográficos, as experiências foram positivas para todas as entrevistadas. Entretanto, elas afirmaram se sentirem inseguras no começo das fotos por causa do seu corpo. Dentre as participantes, a que está mais feliz consigo é a Entrevistada 1. Como comentado, ela adora tirar fotos e por isso aceitou o convite, se sentindo, após o ensaio, realizada e mais solta. Para as demais entrevistadas, mesmo para aquelas que foram convidadas a fazer as fotos, as imagens serviram para elas se autoanalisarem, autoconhecerem. Apesar de estarem preocupadas (mais uma vez) com o julgamento alheio e com o corpo “não perfeito” que estariam mostrando. As falas que as entrevistadas utilizaram para descrever esses momentos

merecem ser compartilhadas aqui. Elas puderam se sentir “ótima[s], maravilhosa[s], de atitude” além disso, surgiram comentários como:

“todas as vezes foram marcos”; “é muito louco se ver pelo olhar de outra pessoa”; “é muito especial”; “me senti maravilhosa, foi uma experiência incrível”; “sentimento de identificação”; “eu pude me sentir naquele momento”; “mostrou mais da minha essência”; “parece que dá um up”; “olhar para as qualidades e perceber que elas são maiores que os defeitos”; “eu me sinto uma pessoa mais confiante, com certeza mais confiante”; “Eu passei até a me arrumar mais, me olhar mais, cuidar mais de mim”; “fiz por mim e me senti melhor depois”; “eu quero fazer, para quando eu ficar velha e olhar para trás e ter minhas recordações”; “as fotos mudaram a sua percepção do teu próprio corpo. Agora eu aprendi a me amar do jeito que eu sou. Eu fiquei bem feliz com o resultado”; “ser eu é traduzir como eu estava me sentindo naquele momento”; “tem dias que estou me sentindo péssima, e outros que me sinto ótima e eu acho que fotografar ajuda, mas o processo é muito mais interno”; “quero fazer de novo pra dar um up”; “quando tu vê o resultado te dá um gás”; “sinto até vontade de trabalhar com isso, posando”; “eu vi que não tem porque eu ficar achando defeito”; “é tão bonito tu ser você”; “foi muito bom, principalmente pra minha ansiedade”; “eu fiz por mim, para eu me sentir melhor e eu me enxergar”; “eu merecia me sentir daquela forma”.

As Entrevistadas tocam bastante no sentido de se “enxergar” e em como é bonito e importante registrar a maneira que elas realmente são. Aspecto que vai ao encontro da teoria de Wolf, em que as mulheres estão dispostas a irem contra o padrão: “meninas e mulheres estavam prontas para dizer não a alguma coisa que consideravam uma opressão” (2018, p. 16). O que se confirma, quando observamos que 4 das 5 participantes optaram por não fazerem retoques virtuais em suas fotos. Como atesta os seguintes comentários das mesmas:

[...] se ela (fotógrafa) tivesse feito photoshop eu ia me iludir com o que eu não sou. Assim eu posso me ver como eu sou e posso mostrar pros outros que eu me amo como eu sou”; “o que eu tô querendo mostrar, para quem eu tô querendo mostrar, se eu sou assim?”; “é bom porque mesmo com aquela barriga você continua bem”; “acho que não adiantava eu esconder uma coisa, eu queria ver eu mesma, não corrigida. Eu não pedi correção nenhuma pra marcar um tempo meu, que eu estava assim e não adiantava mudar”; “Mas não de pedir para ele ‘photoshopar’. E também eu sou assim. É bom pra se conhecer também.”; “eu acho falso. Existem fotógrafos que colocam bastante photoshop em cima, e que você vê, mas tu vê que a pessoa tá toda desenhada, [...] tu vê que é falso. Ai tu imagina eu sem olheira, não dá, é outra pessoa. Acho que não dá pra mascarar tudo. Um pouco a gente tem que se produzir e tal, mas não adianta, tem que se aceitar.

Falas que relatam que o amor por elas mesmas aumentou com o auxílio dos ensaios e entra em contato também com o pensamento de Benjamin e Sontag, em que os autores colocam a importância de fotografar a própria natureza e que “tirar uma foto é um interesse pelas coisas como elas são” (SONTAG, 1977, p. 13).

Os ensaios também marcaram as participantes da entrevista a respeito de ciclos de vida. Antes das fotos elas se sentiam “feias” e inseguras. Elas não tinham percepção da beleza que possuem, tanto de maneira externa, como da beleza que elas carregam dentro de si. Algumas também estavam passando por alguns momentos difíceis. Porém, este ciclo de não compreensão da beleza em sua essência foi fechado a partir do ensaio fotográfico, ao mesmo tempo em que abriu-se para elas um novo ciclo, dessa vez pela visão e constatação de que são pessoas bonitas, mulheres confiantes e donas de si, capazes de superar adversidades. A fotografia como já citado no primeiro capítulo tem, portanto, o potencial de trabalhar com essa característica da passagem de ciclos, ou como afirmado por Sontag (1977) “ritos de passagem”. Ela pode auxiliar, através do registro em imagem, a concretização de momentos importantes da vida das pessoas e, na forma de lembrança, reforçar o momento vivido, atualizando-o e mantendo-o acesso na memória. Assim concordamos que ensaios fotográficos sensuais, que não visam a exploração da imagem da mulher, podem ser um bom recurso para ajudar as mulheres celebrarem suas vidas em cada momento, seus corpos, sua força, suas conquistas, da passagem dos anos e de seu amadurecimento.

A questão a respeito da representação na mídia teve pontos de vista diferentes. Algumas entrevistadas afirmam que não se sentem representadas. A Entrevistada 1, por exemplo, não se sente representada, pois não vê na mídia mulheres que, assim como ela, usam aparelho ortodôntico. A Entrevistada 4 menciona que é difícil ver nos anúncios publicitários mulheres negras. A opinião da Entrevistada 2 diverge um pouco das respostas. Na sua visão, as coisas estão mudando. Que há um tempo as pessoas eram bastante tachadas através de estereótipos, porém, acredita que este cenário esteja mudando. Colocando aqui novamente, a fala da mesma: “[...] antes não. Imagina as pessoas falando de modelos plus sizes, nunca, jamais”. Indo ao encontro do pensamento de Wolf: “a influência e a visibilidade de modelos “plus-size” nas indústrias da moda e dos cosméticos estão crescendo rapidamente” (WOLF, 2018, p. 22).

Todas as respondentes concordam que o que é exaltado nas mídias, é o perfil da mulher magra, branca, de corpo considerado “perfeito” segundo o padrão da beleza construído em nossa sociedade, que se confirma na fala de Wolf:

[...] mulheres esbeltas e mulheres acima do peso comentaram o sofrimento decorrente de tentativas de atingir os ditames da magreza ideal; negras, não brancas e brancas [...] admitiam saber, desde seus primeiros pensamentos conscientes, que o ideal era ser alta, magra, branca e loura, com um rosto sem poros, sem assimetrias nem defeitos; uma mulher totalmente “perfeita”, alguém que elas de algum modo percebiam que não eram (WOLF, 2018, p. 13).

As entrevistadas concordaram que as modelos passam por manipulações virtuais e também utilizam procedimentos estéticos, as deixando com aparência “falsa”. Mas para a Entrevistada 2, esses retoques, tanto estéticos como virtuais, são, em muitos casos, a forma que as pessoas encontram para se sentirem bem com elas mesmas.

Para as entrevistadas, o que as faria se sentirem representadas, seria as mídias começarem a mostrar “mulheres reais”, de todas as formas e cores, em sua multiplicidade e não apenas a unicidade de uma concepção forjada de beleza. E que a ideia de que a mulher deve ser perfeita e delicada o tempo todo, também não faz sentido, afinal, “ninguém é assim todo o tempo”. Elas ainda comentam em como é impossível querer se espelhar em modelos veiculados na mídia, afinal, “isso não existe”. Ressaltam como é bom e essencial se amar e quão doloroso a tentativa de alcançar o “corpo perfeito” pode se tornar, como exemplifica Wolf: “[...] o ideal era muito rígido. O rosto das mulheres mais velhas quase nunca era mostrado em revistas; e se fosse, precisava ser retocado para parecer mais jovem. Era raro que mulheres não brancas fossem apresentadas como modelos [...] (2018 p. 21).

Outro exemplo da dor causada é a compulsão por comida que a Entrevistada 2 desenvolveu. Para tanto, trazemos essa fala de Wolf:

A revista *American Girl*, voltada para meninas de 9 anos, discorre sobre os benefícios de amar o próprio corpo e sobre como é ilusório procurar ser parecida com Britney Spears para ser feliz. Escolas do ensino fundamental II convidam palestrantes para falar de transtornos alimentares e expõem nos corredores colagens com imagens de ideais de beleza destrutivos (2018, p. 16).

Apresentando as opiniões a respeito da influência externa nas suas escolhas, podemos perceber que todas as entrevistadas já se sentiram “oprimidas” de alguma forma. Seja por namorados ciumentos ou agressivos, por pais conservadores ou até mesmo pelas classificações que a sociedade impõe. As pessoas se sentem no direito de intervir nas escolhas e modos de pensar, principalmente quando se é mulher. Por essa razão, temos o seguinte comentário: “não importa qual seja a aparência de uma mulher, ela será usada para prejudicar o que a mulher estiver dizendo e fará com que as observações que ela faça a respeito de aspectos do mito da beleza na sociedade sejam considerados problemas pessoais dela” (WOLF, 2018, p. 393). Também se é tratado a forma que homens lidam com as mulheres quando as mesmas vão em busca de suas vontades. O pai da entrevistada 5 é um exemplo disso, como podemos conferir no capítulo anterior. Assim cria-se uma identidade para as mulheres, uma identidade que sempre favorece o seu opressor. Elas representam, conforme o que afirma Tiburi (2018, p. 77), uma

imensa multidão de seres que não puderam se tornar quem eram, ou quem desejavam ser, porque foram educadas para servir aos homens, sejam esses seus pais, namorados, filhos, chefes e até amigos.

Para embasar, o discurso a seguir cai bem: “quanto mais fortes as mulheres se tornassem em termos políticos, maior seria o peso do ideal de beleza sobre seus ombros, principalmente para desviar sua energia e solapar seu desenvolvimento” (WOLF, 2018, p. 16). Mas apesar desta identidade de subjugação que recai sobre elas, as mulheres resolveram fazer disso um elemento de luta e desconstrução dessa própria sujeição.

Deste modo, é importante realizar uma reflexão também a respeito do papel da propaganda neste processo de empoderamento das mulheres e de valorização da multiplicidade de seus corpos e belezas. Sabemos que a publicidade e a propaganda, em grande parte das situações, estão vinculadas ao mercado econômico e trabalham com desejos e carências de seus interlocutores para fins comerciais, porém isso não anula o fato de que elas possam trabalhar em prol de ideias que ajudem as pessoas a serem mais críticas e conscientes. A propaganda em específico não está direcionada apenas ao comércio, segundo o Artigo 5, da Lei 4.680 (1965) que regula a profissão, a propaganda está a serviço da propagação de ideias, como técnica de formação de opinião pública, visando orientar o comportamento do público em determinados sentidos. Isso pode ser visto, por exemplo, em campanhas como *Your Skin Color shouldn't dictate your future* (A cor da sua pele não deve determinar o seu futuro), de 2010, da francesa Liga Internacional Contra o Racismo e o Antissemitismo (LICRA), a qual mostra três bebês na maternidade, sendo dois bebês brancos e um bebê negro. Os bebês brancos aparecem vestidos de fralda e o bebê negro aparece vestido com roupas de Gari ou Faxineira. A propaganda tem como foco alertar sobre o quão nocivo são os estereótipos imprimidos à pessoas de cor negra desde seu nascimento. Também temos a campanha *Sexual Predators can hide in your child's smartphone* (Predadores sexuais podem se esconder no smartphone de seu filho), de 2013, do movimento social internacional *Innocence in Danger* que trabalha contra o abuso sexual, principalmente contra a propagação da pornografia infantil através dos novos meios de comunicação. Na propaganda citada acima aparece uma criança com um celular no bolso de trás da calça. O celular assume o formato de uma mão, como se ela fosse tocar as partes íntimas da criança. Outro exemplo que chama atenção e que, apesar de servir ao mercado, possui um apelo interessante, pois atinge um grande número de pessoas diariamente, principalmente jovens, é a campanha de 2017, da empresa alimentícia Burger King. Segundo o site da revista Exame (2017) foi umas das campanhas da marca que mais se destacou por trabalhar com a questão de um experimento social.

[...] no experimento social gravado com câmeras escondidas, meninos atores criam uma situação de bullying e violência em um restaurante da rede para ver como clientes reais reagiriam. Ao mesmo tempo, esses clientes ganhavam um lanche esmagado que “havia sofrido bullying”. Qual situação geraria mais reclamações e interferências? A resposta é curiosa e fala sobre um problema grave nas escolas (EXAME, 2017).

Nessa perspectiva, entendemos que a propaganda, assim como a fotografia, também pode assumir um caráter social quando utilizada para fins que visem disseminar ideias críticas, protecionistas da dignidade humana, ou que estimulem a vivência responsável, comprometida e saudável entre as pessoas. Este trabalho, no entanto, não esgota as possibilidades de investigação sobre o tema, mas tem a intenção de contribuir significativamente para o curso de Publicidade e Propaganda no quesito inovação e compromisso social.

5 CONCLUSÃO

No decorrer desta monografia, podemos perceber que a mulher ao longo dos anos passou por diversas transformações, algumas estéticas, outras no modo de ser. Algumas por conta própria, outras nem tanto. Através dos dados obtidos, podemos compreender que os motivos pelos quais as mulheres se sentem inseguras e com baixa autoestima originam-se do fato de estarem a todo tempo sendo bombardeadas com anúncios e imagens de mulheres “perfeitas”, sem defeitos aparentes. Nota-se também, que a força da publicidade nas mídias, é

a grande responsável por toda a propagação desses ideais de corpo perfeito, na maioria das vezes ilusórios.

Porém, também vimos que apesar das diversas formas de “perseguição” que o sexo feminino sofre, há meios para fazer com que as mulheres se sintam bem. Pode ser por meio de terapias e ajuda psicológica, ou também com procedimentos estéticos. Além desses, destaca-se também a fotografia e os ensaios sensuais, que apesar de terem passados por julgamentos, são capazes de trazer uma nova perspectiva para quem é fotografado, melhorando a autoestima e gerando mais confiança.

Notamos que a “ditadura” da beleza é forte e rígida com as mulheres, mas que elas estão percebendo isso e mais uma vez, estão lutando para que o cenário se modifique. Apesar das inseguranças a respeito de seus corpos ainda estarem muito presentes, e as rotulações impostas, as mulheres querem desfrutar do sentimento de ser como são e agir da forma que acreditam.

Porém, podemos notar que mesmo a passos demorados, a propaganda está em busca de cumprir seu papel social e trazer mais representatividade às pessoas que outrora se sentiam excluídas.

REFERÊNCIAS

- ARCOVERDE, L. *Fotografia Sensual e o Nu Artístico: pré-conceitos*. Disponível em: <<http://plugcitarrios.com/blog/2013/01/24/fotografia-sensual-e-o-nu-artistico-pre-conceitos/>> Acesso em: 05 Abr. 2018.
- AUMONT, J. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1995.
- BENJAMIN, W. Pequena história da fotografia. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. – 1. ed. - São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, W. A pequena história da fotografia. In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. - 8. ed. - São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BRASIL. Lei 4.680, de 18 de junho de 1965. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L4680.htm Acesso em: 17 Nov. 2018.
- BRASILIENSE, M, B. *Fotografias do corpo feminino: um espaço onde as representações corporais da mulher madura são construídas e reveladas*. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília. 2007.
- DEARO, G. 15 campanhas de marcas que acertaram em cheio em 2017. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/marketing/15-campanhas-marcas-acertaram-2017/> . Acesso em 17 de nov. 2018.
- EMILIANO, S.; GRACIANO, L, L. *A influência da mídia na imagem corporal feminina*. Disponível em: <<http://tcconline.utp.br/media/tcc/2017/06/A-INFLUENCIA-DA-MIDIA.pdf>> Acesso em: 04 Set. 2018.
- FLOR, G. Corpo, Mídia e Status Social: reflexões sobre os padrões de beleza. *Periódicos Estudos de Comunicação*. Curitiba, v. 10, n. 23, p. 267-274, Set./Dez. 2009.
- GOBITTA, M.; GUZZO, R, S, L.; Estudo Inicial do Inventário de Auto-Estima (SEI) – Forma A. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*. São Paulo, v.15, n. 1, p. 143-150.
- LOWEN, A. *O corpo traído*. São Paulo: Summus, 1979.
- MORAES, J. R., & ASSUNÇÃO, L. F. *O arquétipo da mulher selvagem*, 2017.

MORENO, R. *A beleza impossível: Mulher, mídia e consumo*. São Paulo: Ágora, 2008.

MORRIS, D. *A mulher nua: um estudo do corpo feminino*. São Paulo: Globo, 2005.

SANTOS, P. J.; EMILIANO, S. *O estereótipo do corpo ideal e sua interferência na estrutura do corpo feminino*. Disponível em: <<http://tcconline.utp.br/media/tcc/2017/05/O-ESTEROTIPO-DO-CORPO-IDEAL.pdf>> Acesso em: 04 Set. 2018.

SEXUAL Predators can hide in your child's smartphone, 2013. Disponível em: <http://tendencee.com.br/2014/06/40-das-propagandas-sociais-mais-poderosas/> . Acesso em: 17 Nov. 2018.

SONTAG, L. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TIBURI, M. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. - 7. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

UNIVERSIDADE DE SANTA CATARINA. Manual de metodologia científica e da pesquisa – 2017. Santa Catarina, 2018. Disponível em: <http://www.fatecead.com.br/mpc/aula01_ebook_unisulvirtual.pdf> Acesso em: 19 Set. 2018.

WOLF, N. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. 2º ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

YOUR Skin Color shouldn't dictate you future, 2010. Disponível em: <http://tendencee.com.br/2014/06/40-das-propagandas-sociais-mais-poderosas/>. Acesso em: 17 Nov. 2018.

ZAGO, R. *Dicas para elevar sua auto-estima*. Disponível em https://web.archive.org/web/20080308064239/http://www1.uol.com.br:80/cyberdiet/colunas/021206_psy_autoestima.htm. Acesso em 10 Mar. de 2018.